

COMUNICAÇÕES

OS ÍNDIOS CARAJÁ DA CIDADE DE ARUANÃ

Visitei Aruanã no fim do ano de 1978 e princípios de 1979, e deparei com a situação de 28 indivíduos pertencentes a uma comunidade que passo a descrever.

A pequena comunidade Carajá vive dentro da cidade de Aruanã, num terreno de 200 metros de largura por 200 metros de comprimento aproximadamente, tendo nos fundos do terreno a única avenida de duas pistas da cidade e na frente das casas uma rua que corta o terreno e por onde passam carros, bicicletas e transeuntes. O terreno, onde vive essa comunidade tão desprotegida, encontra-se vizinho a terrenos particulares, com o colégio dos Irmãos Maristas de um lado e do outro uma habitação vizinha, oporto em seguida, uma casa de férias em construção, uma futura colônia de férias da Asergo, uma colônia de férias do Sesi em pleno funcionamento e recebendo turistas. Atrás do terreno dos índios pode-se ver o anúncio de um loteamento e defronte às suas casas pode-se admirar, olhando para a esquerda, o letreiro de um dos principais bares de Aruanã.

Os índios mantêm bem viva a língua Carajá e vivem no que lhes restou de terreno ou área territorial, arenosa e impossível para a manutenção de uma roça de subsistência, devido às proporções mínimas de extensão. Esses índios podem ser compreendidos como índios de Aruanã sem terras. Duas mulheres, as mais velhas do grupo, dizem que nasceram nesse local e que as áreas de terra foram se reduzindo sucessivamente. Os índios afirmam que no passado mantinham roças do outro lado do rio Araguaia, e que não mais puderam manter as roças do lado do Estado de Mato Grosso, porque essas terras foram sendo ocupadas por fazendeiros ou posseiros. Segundo informações dos próprios índios, uma última parcela usada para roça teria sido "vendida" a um interessado pelo próprio chefe índio e em seguida revendida a terceiros.

Os índios não plantam porque não possuem terras para a manutenção de roças de subsistência. A única fonte de renda atual e constante, com a qual adquirem o mínimo de alimentos através de compra, é o artesanato adquirido em sua maior parte por pessoa influente da população civilizada, pai de político de Aruanã. Este senhor mantém uma casa de venda do artesanato indígena, para turistas, sobretudo, no centro de Aruanã. Ele compra o artesanato Carajá por um preço pequeno, segundo informações dos próprios índios, ou em algumas ocasiões, adianta, em forma de pagamento, farinha de mandioca ou arroz. Os índios compram na casa comercial do político influente, segundo informações dos próprios índios, porém compram também de outros comerciantes, em certas circunstâncias.

Os turistas da Colônia de Férias do Sesi, na época de temporada sobretudo, vão adquirir artesanato indígena na casa de venda do tal senhor ou nas próprias casas dos índios.

Os Carajá de Aruanã trabalham diariamente dentro de suas casas, fazendo objetos para venda com "penas compradas", pois alegam que necessitam comprar, pois os pássaros estão muito longe da cidade e por isto os caçadores os procuram para negociar.

Portanto essa comunidade não planta, não caça e pouco pesca, devido a todas essas circunstâncias.

A água ingerida provém do rio, após passar pelo centro de Aruanã, contendo toda poluição que uma cidade ribeirinha pode oferecer.

A situação da comunidade é de miséria, com três mulheres e um homem em estado acentuado de desnutrição, alguns casos suspeitos de tuberculose e vários casos de alcoolismo entre os homens atestando o desespero psíquico do grupo. Há alguns meses, uma índia jovem suicidou-se com formicida.

Todos os homens, com exceção unicamente de um velho, bebem pinga e ficam alcoolizados freqüentemente. A aguardente é fornecida pelos seus amigos e compadres. A esposa do chefe Jacinto disse-me: "O Z. trás a pinga ou os índios vão beber em sua casa e quem sofre com isso somos nós, as mulheres e crianças, com ameaças de agressões e morte por parte dos alcoolizados ou entre eles".

Os índios de Aruanã externam o desejo de permanecerem onde estão.

Todos os fatos observados, que retratam a situação desses índios, servem como exemplo educativo para a população brasileira e demonstram o perigo da emancipação, da integração ou da aproximação mal conduzida do indígena em relação à sociedade civilizada.

João Paulo Botelho Vieira Filho
Escola Paulista de Medicina, São Paulo